

Dívida Externa Conversão Necessária

Depois de muito vacilar e de reconhecer que a moratória na dívida externa foi um desastre para o país, o governo deu os retoques finais no processo de conversão de dívida em capital, que passará por leilões nas Bolsas de Valores do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Quanto tempo foi preciso para chegar até esse ponto? O caminho foi longo e foi desastroso. A filosofia pregada pela Fundação Pedrosa Horta, órgão pensante onde se inspiram os segmentos mais radicais do PMDB, queria a intolerância com os credores e a insistência na moratória. A vacilante administração do presidente José Sarney enveredou por esse caminho, e o resultado foi a fuga de capitais, a queda na taxa de investimentos e o desemprego industrial galopante. Com o governo sem capacidade para poupar, consumindo quase tudo o que arrecada em impostos para cobrir a folha de pagamento do funcionalismo, e absorvendo através do endividamento interno três quartas partes da poupança financeira livre, a nação perdeu o dinamismo.

Os patronos dessas receitas desastradas chegaram a articular um sistema cartorial e praticamente inviável de conversão de dívida em capital, que agora está sendo substituído. Tudo indica que o novo sistema pode funcionar adequadamente, mas ainda é preciso ver se, na prática, algumas variáveis fundamentais permitirão que o governo mobilize cruzados para transformar por dólares.

O mecanismo de conversão agora proposto vem com o benefício de ser aberto, pois os leilões serão realizados nas Bolsas de Valores. Se houver deságio, esse deságio será determinado por condicionantes de mercado, e não por arbítrio burocrático perante credores em fuga acelerada do nosso instável quadro político, econômico e social.

É um passo que pode ser seguido por outros para restabelecer gradualmente a confiança do investidor estrangeiro. O principal deles consiste no controle do déficit público, pois a conversão implica a geração de cruzados cuja única fonte será a poupança interna. Até agora, os megadéficits públicos transformaram o governo em bomba de sucção da poupança, em voraz arrecadador de impostos e em fonte de emissões de papel-moeda que reaceleram a inflação.

A conversão de dívida em capital pode contribuir para que o dinheiro volte às atividades produtivas, trazendo para o cenário econômico um novo ator — os fundos de investimento constituídos com dólares convertidos em cruzados — de grande importância para o mercado de capitais. Esses fundos poderão contrabalançar o peso cada vez maior das fundações de seguridade complementar, quase todas elas formadas por empresas públicas. Podem, também, contribuir para a volta ordenada do pequeno e do médio investidor ao mercado de ações, de onde fugiram em debandada depois do colapso das Bolsas provocado pelo samba do crioulo doido dos tempos do cruzado, quando a poupança correu de um lado para outro tocada pela ilusão da inflação zero com um mercado de consumo em disparada determinado por violentas transferências de renda.

Ao deixar que o dinheiro se oriente para as melhores oportunidades de investimento, o Banco Central cumpre seu papel de apenas garantir a execução das leis, sem colocar na malha burocrática o destino de um dinheiro que o funcionalismo sabe primordialmente como gastar apenas para satisfazer apetites burocráticos, ou para contentar a máquina fisiológica dos interesses partidários.